



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

PROMOVENDO CIVILIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PROPOSTA PAUTADA NA EDUCAÇÃO E VALORES

Nicole Almeida Ventura; Valdiney Veloso Gouveia; Isabel Cristina Vasconcelos de Oliveira; Heloísa Bárbara Cunha Moizeis; Camilla Vieira de Figueiredo.

Universidade Federal da Paraíba

nicole.almeida@hotmail.com;

vvgouveia@gmail.com;

oliveiraicv@gmail.com;

heloisabarbara96@gmail.com;

camillafigueir@hotmail.com

Resumo: O presente projeto propõe levar a cabo um programa de intervenção em mudança de valores com a finalidade de desenvolver atitudes pró-sociais, neste sentido admite-se a necessidade de bom convívio para otimização de relações interpessoais, logo, há o interesse de inserir Civilidade e Valores na área direcionada à Educação. O foco volta-se, especificamente, aos valores interativos, visando, através destes, um maior conhecimento e aceitação dos aspectos sociais e afetivos das relações entre os indivíduos. Participaram deste estudo 17 estudantes do 6º ano de uma escola pública localizada na cidade de João Pessoa/PB, com idade média de 11,18 anos ($DP = 0,52$), variando de 10 a 12 anos, sendo a maioria do sexo feminino (58,8%). Foram administrados pré e pós-teste, antes e depois do fim do programa interventivo, respectivamente, e, nesse intervalo, dois estudantes de Psicologia devidamente preparados realizaram encenações e dinâmicas grupais enfocando comportamentos de civilidade e tratando de conhecimentos acerca dos valores humanos. A partir da verificação da diferença de médias entre os escores nos períodos do pré e pós-teste, constatou-se que houve diferenças entre as médias das subfunções experimentação, realização e suprapessoal. Apesar de nem todos os objetivos propostos terem sido alcançados, acredita-se que este projeto se mostrou bastante relevante, tanto para os estudantes quanto para servir como guia de futuros modelos de intervenções.

Palavras-chave: escola, civilidade, valores.

INTRODUÇÃO

Em ambientes de trabalho, escolares, públicos ou mesmo em casa há sempre interações sociais ao longo do dia, no entanto nem sempre essas interações são fáceis ou prazerosas. Nestes contextos, insere-se a necessidade de bom convívio para otimização de relações interpessoais. Deste ponto de vista surge o interesse em trabalhar o construto civilidade por considerá-lo um comportamento pró-social, beneficiando pessoas ou grupos que o pratiquem (BATSON; VAN LANGE; AHMAD & LISHNER, 2003).

Há também o interesse por inserir Civilidade na área direcionada à Educação e Valores. Estes, assim como indicado na literatura, asseguram condutas responsáveis e o compromisso do jovem com sua realidade social (SANTOS, 2008). Nesse contexto, torna-se importante tratar o

construto Civilidade juntamente com Valores Humanos

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



como forma de compreender os fatores determinantes do comportamento de civildade na relação entre alunos e professores, uma vez que estudos têm apontado que os valores humanos têm apresentado poder explicativo relevante, sendo geralmente mais eficazes do que a personalidade para predizer o comportamento de civildade (SCHWARTZ, 2006).

O projeto visou promover valores sociais (interativo e normativo), mais especificamente, aqueles interativos, na amostra em questão. Os valores desta subfunção enfatizam a vida social e uma grande importância afetiva compartilhada, representando necessidades de pertença, amor e filiação (GOUVEIA, 2013). Seus valores são essenciais para estabelecer, regular, e manter as relações interpessoais. Desta forma, acredita-se que ao promover valores de ordem social, contribui-se para o desenvolvimento do indivíduo.

Optou-se por contemplar estudantes no início da adolescência, residentes em bairros da periferia, visto que é na fase da adolescência que se observa um afastamento do núcleo familiar e uma suscetibilidade à influência de endogrupos ou grupos socializadores secundários (escola, companheiros, etc). Além disso, é nos bairros carentes da periferia onde se observa uma escassez de oportunidades de atividades culturais, com pouca ou nenhuma ênfase na educação em valores.

Neste projeto de intervenção procura-se realçar o papel da escola como importante agente na formação do perfil valorativo dos jovens, tornando-os mais resilientes para responder às demandas sociais. É importante salientar que não se trata meramente de socializar, mas sim de promover valores que possam contribuir para o desenvolvimento sócio educativo dos participantes. Nesse sentido, o estudo em questão é considerado pertinente, salientando a importância de educar e socializar os jovens em valores sociais. Desta forma, pretende-se resgatar o sentido de justiça e responsabilidade social daqueles indivíduos que demonstram pouco comprometimento com comportamentos de civildade, não apenas em sala de aula, como também fora dela.

Com a realização de intervenções que possibilitem uma maior conscientização dos estudantes acerca da temática, procura-se encontrar resultados (comparando pré-teste e pós-teste) que possibilitem novos estudos que contribuam para o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais. Espera-se também, superar as limitações e desafios encontrados na execução do projeto, otimizando a maneira de interagir com adolescentes em sala de aula quanto ao tema proposto.

Antes de adentrar na temática referente à civildade, é importante compreender que a mesma diz respeito a um tipo de comportamento pró-social (DAMIÃO, 2011). O comportamento pró-social está ligado a condutas ou atos que beneficiam outras pessoas ou grupos e que podem acarretar ou não em retorno (GOLDSTEIN, 1980). Na rua, em casa, em filas, no trabalho, em transportes



públicos, em parques ou em shoppings os números de interações sociais da maioria das pessoas ao longo de um dia são extraordinários (LAKIN; JEFFERIS; CHENG & CHARTRAND, 2003). Nestes contextos, a interação gentil e cooperativa entre desconhecidos facilita a resolução de problemas e o bom convívio entre as pessoas, de modo a evitar conflitos e interações estressantes.

Segundo Pilati, Iglesias, Lima & Simone (2010) este comportamento na sociedade é regulado por normas sociais, as quais possibilitam a interação entre os indivíduos. Neste sentido, a civilidade se integra dentro dos comportamentos pró-sociais, os quais podem ser definidos como qualquer ato que beneficie a uma pessoa ou grupo, de forma que são considerados por uma parcela significativa da população, como uma ação de benefício e ajuda (BATSON; VAN LANGE; AHMAD & LISHNER, 2003).

De acordo com Moser e Corroyer (2001) a civilidade pode ser caracterizada como regras que implicitamente norteiam os comportamentos sociais, com a finalidade de promover melhores interações interpessoais, além de regulá-las. O termo civilidade está fortemente relacionado com o de gentileza, podendo ser utilizado como sinônimo (PILATI et al., 2010). O processo de urbanização trouxe uma nova configuração para as relações sociais, as interações entre as pessoas se diversificaram e passaram a ser muitas ao longo do dia. Desta forma, a civilidade, age com o intuito de assegurar o respeito ao próximo e facilitar uma melhor relação entre as pessoas (FERRIS, 2002).

Apesar de todas as conceituações expostas sobre o construto civilidade, de acordo com Boyd (2006) é muito difícil conceituá-lo, assim, compreendendo-o a partir da perspectiva da gentileza, analisa-se uma pessoa civil como alguém dotado de boa educação. Para este autor, a civilidade está mais associada com a participação dos cidadãos na busca pelos seus direitos e cumprimento dos seus deveres, ou seja, o indivíduo visto como um ser político e ativo. Nesta mesma direção Evers (2009) distingue os conceitos de civilidade e civismo. O primeiro é tratado como o respeito mútuo e compromisso com o outro, enquanto que o segundo é pautado como os direitos e deveres dos cidadãos.

Para se ter uma real definição do conceito de civilidade, faz-se necessário distinguir, primeiramente, algumas condutas dentro do campo de estudo do comportamento pró-social e assim ter noções mais claras a respeito deste construto. Pode-se elencar como alguns desses comportamentos o altruísmo, que implica atos de maiores sacrifícios do que ganhos; a ajuda, que não envolve riscos a quem pratica e visa algum tipo de retorno, seja aumento da autoestima ou recebimento de status social (RODRIGUES; ASSMAR & JABLONSKI, 2009); a doação, que é a



concessão de coisas materiais como a doação de dinheiro ou mantimentos para organizações beneficentes (GOLDSTEIN, 1980); a gratidão, que consiste em um estado psicológico caracterizado por um reconhecimento de algo relevante que o sujeito tenha recebido (EMMONS & MCCULLOUGH, 2004); e a empatia, sendo esta a capacidade que um indivíduo tem de se colocar no lugar do outro (HOFFMAN, 2003). Desse modo, o comportamento de civilidade, além do intuito de tratar o outro com cordialidade, é manifestado com baixo custo de esforço e envolvimento para o indivíduo, ou seja, a civilidade acontece de forma natural, sem o esforço da pressão social (BOYD, 2006).

Considerando o contexto escolar-educacional, a promoção da civilidade é exposta por Ferris (2002) como um construto que pode ser mensurado, sendo o ambiente educacional considerado um local produtivo para informar o quanto a civilidade pode ser endossada a partir dos valores humanos. Estes, por sua vez, são construtos amplamente investigados nas mais diferentes áreas e perspectivas. Referências sobre esse tema podem ser encontradas nos campos da Filosofia, Antropologia, Sociologia e Psicologia (ROS, 2006). Na Psicologia Social, os valores têm sido bastante explorados devido a importância que exercem no processo seletivo das ações humanas e no entendimento dos fenômenos sócio-psicológicos, o que inclui a explicação de atitudes e comportamentos de civilidade (COELHO; GOUVEIA & MILFONT, 2006).

Neste contexto, a literatura indica que os valores tem sido os mesmos desde as civilizações mais antigas, embora sejam priorizados de formas variadas e assumindo conotações diferentes no tempo. Ao se observar a expressão artística feita pelos povos primitivos é possível notar as prioridades valorativas para a sobrevivência e religiosidade, fundamentais para guiar a vida desses indivíduos frente ao caos em que se encontrava eventos naturais que os ameaçavam (GOUVEIA, 2013). Sendo assim, parece evidente que os valores expressam as necessidades humanas existentes desde a época em que o homem na pré-história abandonou o refúgio das cavernas e apoiou-se na convivência para dar continuidade e sobrevivência da espécie, logo, os valores são tidos como princípios-guia responsáveis por assegurar a convivência em sociedade.

Diante das inúmeras teorias existentes sobre os valores humanos, o presente estudo dá ênfase à Teoria Funcionalista dos Valores Humanos, proposta por Gouveia (2013). Entretanto, a mesma não implica em rejeitar outras teorias, como as propostas por Ronald Inglehart e Shalom H. Schwartz, mas apresenta uma ideia mais integradora e parcimoniosa acerca dos valores. Um dos aspectos importantes da teoria em pauta é levar em consideração as funções dos valores humanos (ALLEN, 2002).



Deste princípio, Gouveia parte da concepção de que os valores são representações cognitivas das necessidades humanas (MASLOW, 1954; RONEN, 1994), e tal teoria concebe os valores como um conjunto delimitado, representado por cinco pressupostos teóricos, a saber: (1) Assumem a natureza benevolente do homem; (2) Os valores servem como padrões gerais da orientação para os comportamentos; (3) Os valores são representações cognitivas, tanto das necessidades humanas individuais quanto de demandas institucionais; (4) Expressam um propósito em si; e (5) Admitem uma condição perene.

De acordo com essas suposições, o autor, a partir de uma análise de revisão de literatura sobre a temática, definiu os valores como conceitos e categorias sobre estados desejáveis de existência, que transcendem situações específicas. O autor aponta duas funções consensuais dos valores: guiar os comportamentos (tipo de orientação) e expressar suas necessidades (tipo motivador) (GOUVEIA, 2013). Com base no cruzamento de tais funções, o autor deriva seis subfunções valorativas: orientação (eixo horizontal; pessoal, central e social) e motivador (eixo vertical; materialista ou idealista). É possível observar esta estruturação a partir da figura abaixo:

		<i>Valores como padrão-guia de comportamentos</i>		
		<i>Metas pessoais</i> (o indivíduo por si mesmo)	<i>Metas centrais</i> (o propósito geral da vida)	<i>Metas sociais</i> (o indivíduo na comunidade)
<i>Valores como expressão de necessidades</i>	<i>Necessidades idealistas</i> (a vida como fonte de oportunidades)	Experimentação Emoção Sexualidade Prazer	Suprapessoal Beleza Conhecimento Maturidade	Interativa Afetividade Apoio social Convivência
	<i>Necessidades materialistas</i> (a vida como fonte de ameaça)	Realização Êxito Poder Prestígio	Existência Estabilidade Saúde Sobrevivência	Normativa Obediência Religiosidade Tradição

Figura 1. Dimensões, funções e subfunções dos valores básicos.

Para o tipo de orientação, aqueles cujas intenções têm um foco interpessoal são orientados por valores sociais; aqueles que são egocêntricos e querem atingir metas próprias, guiam-se por valores pessoais; e o grupo de valores centrais serve de base estruturante para os dois tipos anteriores, pois são importantes para todas as pessoas. No caso do tipo motivador, enquanto os valores materialistas possuem um foco no aqui e agora, os valores humanitários se referem a uma preocupação com a humanidade como um todo (GOUVEIA, 2013).



Com base nestas dimensões valorativas surgem as seis subfunções anteriormente evidenciadas: experimentação (emoção, prazer e sexualidade), realização (êxito, poder e prestígio), existência (estabilidade, saúde e sobrevivência), suprapessoal (beleza, conhecimento e maturidade), interativa (apoio social, convivência e afetividade) e normativa (tradição, obediência e religiosidade).

Experimentação (emoção, prazer e sexualidade). Os valores que representam esta subfunção favorecem a mudança e a inovação na estrutura das organizações sociais. Realização (êxito, poder e prestígio). As pessoas que se guiam por valores que compõem esta subfunção priorizam realizações materiais, a busca pelo poder e a praticidade em decisões e comportamentos.

Existência (estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência). Esta subfunção reúne valores que se caracterizam por expressar uma preocupação em assegurar as condições básicas de sobrevivência biológica e psicológica.

Suprapessoal (beleza, conhecimento e maturidade). Reconhecidamente, os seres humanos possuem uma necessidade biológica por informação (curiosidade) que os conduzem a uma melhor compreensão e domínio do mundo físico e social. Tais necessidades são representadas por valores desta subfunção.

Interativa (afetividade, apoio social e convivência). Os valores desta subfunção se fundamentam no interesse por sentir-se querido no estabelecimento e na manutenção das relações interpessoais por parte do indivíduo.

Normativa (obediência, religiosidade e tradição). Os valores desta subfunção enfatizam a vida social, os comportamentos socialmente corretos e o respeito pelos símbolos e padrões culturais que prevaleceram durante anos; a obediência é valorizada acima de qualquer coisa.

A teoria funcionalista tem sido amplamente utilizada em diferentes contextos socioculturais, recebendo suporte em mais de 50 países, incluindo o Brasil, contando com a participação de cerca de 100.000 indivíduos (GOUVEIA, 2013). E, além de embasar estudos empíricos e experimentais a nível de graduação e pós-graduação, esta teoria tem fundamentado intervenções práticas sobretudo no âmbito escolar-educacional, evidenciando resultados significativos no tocante à mudança de valores. Considerando o exposto, o presente projeto pretende levar a cabo um programa de intervenção em mudança de valores com a finalidade de promover atitudes pró-sociais. O foco volta-se, especificamente, para os valores interativos, visando, através destes, um maior conhecimento e aceitação dos aspectos sociais e afetivos das relações entre os indivíduos.



METODOLOGIA

A amostra deste estudo foi composta por 17 estudantes do 6º ano de uma escola pública localizada na cidade de João Pessoa, Paraíba. A idade dos participantes apresentou uma média de 11,18 (DP = 0,52), variando de 10 a 12, sendo a maioria do sexo feminino (58,8%). A amostra foi escolhida por critério de conveniência (não-probabilística).

Contato Inicial:

Foi respondido o *Questionário dos Valores Básicos Infantil (QVB-I)* (GOUVEIA, MILFONT, SOARES, ANDRADE & LEITE, 2011), e o *Questionário de civilidade* (Souza, 2015). Respectivamente, a versão atual do QVB-I está composta por 18 itens (por exemplo, *Saúde*- Não ficar doente; estar sempre animado(a), com vontade de brincar; e evitar fazer coisas que prejudiquem a saúde; *Artes*- Ir a exposições de quadros e esculturas; ouvir música, ir ao teatro ou ao cinema; e aprender a desenhar e pintar), sendo três para cada uma das subfunções. Os participantes devem indicar a importância que cada valor tem em sua vida, de acordo com escala Likert de cinco pontos, representados por feições de bonecos e números, variando de 1 (Nenhuma importância) a 5 (Máxima importância).

A *Escala de Civilidade* (SOUZA, 2015). Compreende um instrumento tipo lápis e papel de auto informe. A versão original do instrumento é composta por 30 itens. Com o intuito de adaptar a escala para o público-alvo do estudo, foram retirados três itens. A presente escala é composta por 27 itens (e.g. “Costumo ser gentil no dia-a-dia”, “Sempre ajudo pessoas com dificuldades em subir/descer escadas”), os quais são respondidos em uma escala de respostas de seis pontos, variando de 1 (Não me descreve nada) a 6 (Descreve-me totalmente).

Uma escala de ordem sóciodemográfica também foi utilizada visando caracterizar o perfil demográfico dos indivíduos (constavam itens como idade, sexo, série, classe social).

O processo de coleta de dados seguiu as normas de um procedimento padrão, foi enviado aos responsáveis dos respondentes um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido baseado nos preceitos éticos vigentes para a realização de pesquisas com seres humanos definidos pela resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Antes da aplicação do teste, o material a ser aplicado foi organizado e foram avaliadas as condições ambientais para tal atividade.

Dois estudantes de psicologia devidamente capacitados conduziram a aplicação, estando atentos ao comportamento do participante na situação do teste, observando as respostas e o envolvimento dos mesmos durante a situação da avaliação. Foi enfatizado o caráter voluntário, anônimo e confidencial da participação no estudo. Após o término do teste, os colaboradores



agradeceram a participação dos estudantes e informaram sobre a disponibilidade dos resultados para os interessados. Foram gastos, em média, 30 minutos, para que os participantes respondessem a todos os instrumentos.

1ª Intervenção:

Os alunos de Psicologia iniciaram as intervenções com uma encenação; nesta, havia um diálogo sobre comportamentos de ajuda, incluindo civilidade. Em um segundo momento, os alunos do 6º ano foram questionados sobre o que era abordado na encenação. Em um segundo momento, foi desenvolvida uma interação entre alunos foco da intervenção e os estudantes de Psicologia, onde foi possível estreitar laços de afinidade e confiança para que fossem aplicadas as próximas intervenções. A atividade teve, em média, 35 minutos de duração.

2ª Intervenção:

Com o intuito de prender a atenção dos alunos, foram pensadas dinâmicas que tratassem do tema de forma que cada aluno compreendesse e participasse da dinâmica. Assim, foi realizada a dinâmica do pirulito: organizados em círculo, cada aluno recebeu um pirulito e lhes era solicitado que, com uma das mãos para trás e a outra segurando o pirulito, abrissem o pirulito e colocassem na boca. Logo, eles percebiam que só poderiam fazer isso com a ajuda do colega ao lado. A partir disso, foi explicado por um dos estudantes que conduzia a intervenção, de forma clara e simples, sobre a importância do comportamento de ajuda ao colega.

3ª Intervenção

Este momento consistiu na produção de cartazes com o objetivo de expressar por meio da pintura as formas de gentileza que os alunos conheciam em seu contexto escolar, familiar e social. Dessa forma, foi pensando que a expressão artística seria uma aliada na educação em valores humanos, tendo em vista os objetivos do projeto.

Contato Final:

Foram respondidos novamente o *Questionário dos Valores Básicos Infantil (QVB-I)* (GOUVEIA, MILFONT, SOARES, ANDRADE & LEITE, 2011), e o *Questionário de civilidade* (Souza, 2015).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De início foram realizadas análises estatísticas descritivas (média e desvio padrão) das pontuações obtidas na escala de valores e de civilidade, tanto no pré-teste quanto no pós-teste, na turma do 6º ano, a fim de verificar o impacto da intervenção no perfil valorativo dos estudantes.



Após a realização das análises descritivas, foram realizadas estatísticas inferenciais (Test T de *Student*) buscando verificar a ocorrência de diferenças significativas entre as médias dos grupos. Na Tabela 1 são sumarizados os principais resultados.

Tabela 1. Estatísticas descritivas dos valores humanos nas situações de pré e pós teste.

	Pré-teste		Pós-teste		<i>t</i>	<i>P</i>	<i>df</i>
	M	DP	M	DP			
Experimentação	3,88	0,83	4,33	0,66	- 2,091	0,05	16
Realização	2,73	0,84	3,35	0,80	-2,824	0,01	14
Suprapessoal	3,86	0,72	4,41	0,57	-3,510	0,03	16
Existência	4,45	0,52	4,45	0,56	0,000	1,000	15
Interativa	4,35	0,72	4,50	0,70	-0,749	0,46	15
Normativa	4,25	0,90	4,21	0,95	0,22	0,82	16

Nota: M= média; DP= desvio padrão; *p*= nível de significância de comparação das médias.

É possível verificar que três subfunções valorativas apresentaram uma diferença estatisticamente significativa entre as médias do pré e pós teste, a saber: experimentação [$t(16) = -2,091$; $p = 0,05$]; realização [$t(14) = -2,824$; $p < 0,05$] e suprapessoal [$t(16) = -3,510$; $p < 0,03$].

No que diz respeito a Civilidade verificou-se que no fator gentileza, ainda que não tenha ocorrido diferença significativa, houve um aumento nas pontuações observadas do pré-teste ($M = 4,16$; $DP = 1,15$) para o pós-teste ($M = 4,25$; $DP = 0,97$). Em relação ao fator de cidadania também houve uma mudança nas pontuações observadas no pré ($M = 3,27$; $DP = 1,12$) para o pós-teste ($M = 3,47$; $DP = 1,27$)

Tabela 2. Estatísticas descritivas da escala de civilidade nas situações do pré e pós- teste.

	Um Teste t foi		Pós-teste		<i>t</i>	<i>p</i>	<i>df</i>
	M	DP	M	DP			
Gentileza	4,16	1,15	4,25	0,97	-0,364	0,72	13
Cidadania	3,27	1,12	3,47	1,27	-0,959	0,35	13
Boas Maneiras	4,71	0,62	4,74	1,06	-0,090	0,93	10

Nota: M = média; DP = desvio padrão; *p* = nível de significância de comparação das médias.



O trabalho realizado na escola teve como objetivo principal realizar um programa interventivo baseado na formação em valores humanos e na sensibilização social dos estudantes a partir de valores *interativos*, visando, através destes, um maior conhecimento e aceitação dos aspectos sociais e afetivos das relações entre os indivíduos.

A partir das escalas de valores, civilidade e questionário sociodemográfico, buscou-se traçar o perfil dos alunos em relação aos aspectos dos valores humanos, além de tentar promover práticas de mudança de comportamento, a fim de que os adolescentes refletissem os aspectos de gentileza em seu cotidiano e se orientassem por valores sociais.

Foram observadas mudanças em três subfunções valorativas do período do pré-teste para o pós-teste no grupo experimental, a saber asubfunções *experimentação*, *realização* e *suprapessoal*. Em ambas aplicações os estudantes endossaram em maior medida as subfunções *interativa* e *existência*, porém não foi possível verificar diferença significativa entre as médias das subfunções supracitadas entre o pré e o pós-teste. Tais resultados mostram que estudantes apresentam uma grande preocupação em relação às necessidades biológicas básicas, como beber, comer e dormir. Indivíduos que endossam valores da subfunção *existência* são geralmente pessoas que convivem em contextos de escassez econômica. A grande valorização da subfunção *interativa* mostra que os estudantes sentem a grande necessidade de pertença, amor e de sentirem-se queridos pelos seus pares (VIONE, 2012).

No que concerne a escala de civilidade, os resultados mostraram que não houveram mudanças significativas no período do pré-teste para o pós-teste. Os estudantes tiveram médias mais elevadas na dimensão de *boas maneiras*, indicando que os mesmos apresentam uma preocupação em agir de maneira cordial, respeitosa e gentil com o próximo (SOUZA, 2015).

Diante do exposto pode-se afirmar que os valores humanos são construtos relativamente estáveis, e a partir do espaço escolar estes valores podem ser ensinados desde cedo, com a familiarização de princípios que destaquem a promoção de comportamentos pró-sociais, tais como os de civilidade. As principais limitações deste trabalho estão relacionadas a natureza das intervenções, através das quais não foram obtidas mudanças significativas nas pontuações de valores *interativos* e *normativos*, porém sabe-se que estes, quando promovidos em estudantes (mais especificamente, os valores *interativos*) ressaltam a importância da vida social e da vida afetiva compartilhada (GOUVEIA, 2013).

CONCLUSÃO



Apesar de nem todos os objetivos propostos terem sido alcançados, acredita-se que este projeto se mostrou bastante relevante, tanto para os estudantes, quanto para servir como guia de futuros modelos de intervenção. Mesmo frente às limitações, considera-se que este trabalho cumpriu com o propósito de levar a cabo um programa de intervenção, com o intuito de fazer com que os estudantes pudessem refletir e praticar comportamentos de civilidade.

Para este trabalho foi atribuída relevância no âmbito de comportamentos de ajuda e valores, trazendo contribuições para estudos que desenvolvam e viabilizem conscientização sobre a temática dentro do contexto escolar, com foco na mudança de valores *interativos* e *normativos*. Em intervenções futuras espera-se superar as limitações do presente projeto, mantendo os aspectos que possibilitaram mudanças, agregando, por exemplo, as técnicas interventivas aqui realizadas, tal como técnicas de dinâmica, brincadeiras e encenações. Também faz-se necessário mudar a frequência e a quantidade de intervenções, a fim de saber se estas oferecerem resultados a curto, médio ou a longo prazo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, M. W.; Ng, S. H.; WILSON, M. **A functional approach to instrumental and terminal values and the value-attitude-behaviour system of consumer choice.** European journal of Marketing, 2002. p. 111-135.

BATSON, C. D.; VAN LANGE, P. A. M.; AHMAD, N.; LISHNER, D. A.; HOGG, M.; COOPER, J. **The Sage handbook of social psychology.** 2003. Vol. 1.

BOYD, R. **The value of civility?** Urban Studies, 2006. p. 863-878.

COELHO, J. A. P. M.; GOUVEIA, V. V.; MILFONT, T. L. **Valores humanos como**

DAMIÃO, N. F. **Bom dia, senhor motorista:** Priming conceitual e a civilidade no ônibus. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília: Brasília, 2011.

EMMONS, R. A.; MCCULLOUGH, M. E. **The psychology of gratitude.** Oxford University Press, 2004.

EVERS, A. **Civiness and Civility: Their Meanings for Social Services.** Voluntas, 2009. p. 239-259. **explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental.** Psicologia em Estudo. 2010. p. 199-207.

FERRIS, A. L. **Studying and measuring civility:** a framework, trends, and scale. Sociological Inquiry, 2002. p. 376-392.

GOLDSTEIN, J. H. **Social Psychology.** 1980.

GOUVEIA, V. V. **Teoria Funcionalista dos Valores Humanos:** Fundamentos, aplicações e perspectivas. Caso do Psicólogo: São Paulo, 2013.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

GOUVEIA, V. V.; MILTON, T. L.; SOARES, A. K. S.; ANDRANDE, P. R.; LEITE, I. L. **Conhecendo os valores na infância: evidências psicométricas de uma medida.** Psico. 2012. p. 106-115. Handbook of industrial and organizational psychology. Consulting Psychologists: Palo Alto, CA, 1994. p. 241-269.

HOFFMAN, M. L. **Empathy and moral development: Implications for caring and justice.** Cambridge University Press: Cambridge, 2003.

LAKIN, J. L.; JEFFERIS, V. E.; CHENG, C. M.; CHARTRAND, T. L. **The chameleon effect as social glue: Evidence for the evolutionary significance of nonconscious mimicry.** Journal of nonverbal behavior. Vol. 27, n. 3. 2003. p. 145-162.

MASLOW, A. H. **Motivation and personality.** Harper and Row Publishers: Nova York, 1954.

MOSER, G.; CORROYER, D. **Politeness in the Urban Environment Is City Life Still Synonymous with Civility?.** Environment and Behavior. 2001. Vol. 33, n. 5, p. 611-625.

PILATI, R.; IGLESIAS, F.; LIMA, B. R. D.; SIMONE, C. V. D. **Experimentos de campo em comportamento prosocial: Sexo, densidade e grupo cultural.** Psicologia: Teoria e Pesquisa. 2010. p. 361-370.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. **Psicologia social.** Petrópolis: Vozes, 2002.

RONEN, S. **Na underlying structure of motivacionalneed taxonomies: a cross-cultural confirmation.** Em TRIANDIS, H. C.; DUNNETTE, M. D.; HOUGH, L; M. (Eds.).

ROS, M. **Psicologia social dos valores humanos: Uma perspectiva histórica.** Em ROS, M; GOUVEIA, V. V. (Orgs.). Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados. Editora Senac: São Paulo, 2006. p. 23-53.

SANTOS, W. S. **Explicando comportamentos socialmente desviantes: uma análise do compromisso convencional e afiliação social.** Tese de doutorado publicada. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2008.

SCHWARTZ, S. H. **Há aspectos universais na estrutura e no conteúdo dos valores humanos?** Em ROSS, M.; GOUVEIA, V. V. (Orgs.). Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados. Editora Senac: São Paulo, 2006. p. 55-85.

SOUZA, R. V. L. **Explicando a Civilidade: Contribuições das Prioridades Valorativas e do Priming Valorativo.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 2015.